

**VEREADOR PROFESSOR WAMBERT (PROS) – Comunicação de**

Líder: (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Eu me lembro muito bem do caso Bernardo, há quatro anos, Ver. Cassiá Carpes, por uma coisa muito peculiar, eu estava em São Paulo, inclusive estava no Mosteiro de São Bento para passar a Semana Santa lá, um pouco recluso, fazendo minhas reflexões, quando recebi a notícia do caso Bernardo. De imediato, fiz um acordo com minha família de que nós iríamos passar um mês sem ligar a TV aberta lá

em casa, sem ver nenhum canal aberto; e assim o fizemos – um mês sem televisão. E minha única preocupação, Dra. Cinara, era de que meus filhos pequenos – eu tenho um de 3 anos que não era ainda nascido, mas tenho também um com 13, e, portanto, tinha 9 anos, à época, e também tenho uma com 11 anos, que tinha cerca de 6 anos –, na sua infância, tivessem a desilusão de que um pai fosse capaz de matar os próprios filhos. Ver. Prof. Alex Fraga, eu protegi as minhas crianças dessa notícia. Eu não queria que a minha filha, aos 6 anos, olhasse para mim e imaginasse que tanto eu como qualquer pai, no sentido genérico, fosse capaz de matar um filho, como estava sendo acusado, à época, o pai do menino Bernardo.

Então, a pessoa que não se comove, não se compadece com uma criança, tenho dito, não é capaz de se comover com mais nada na face da terra. Criança é o resumo da pureza, da beleza, da esperança. A gente vê fotos dos maiores tiranos, que foram bebês, lindos, alguns deles, puros. E como uma tábula rasa, a maldade, a ideologia assassina, a perversão de suas mentes vai ocorrendo ao longo do tempo, e aquelas crianças que não foram defendidas nem de si mesmas, tornam-se os maiores sanguinários da história da humanidade. Seguramente, Che Guevara, o carniceiro, deve ter sido um bebê muito fofo. Marx, o gigolô, também deveria ter sido um bebê muito lindo. Tem uma foto de Hitler que rola na Internet. Como crianças, eram iguais às outras. Significa que ninguém nasce, minhas caras homenageadas, com signo de que vai ser mau ou bom. A educação, a proteção, a cultura a que essa pessoa está submetida é condicionante, jamais determinante. Uma criança não está determinada a ser boa ou má, o seu contexto vai produzir a sua virtude e o seu vício. Lembro, doutoras, que, quando cheguei a Porto Alegre, eu morei, como voluntário, quase um ano, no abrigo João Paulo II, cuidando das crianças. Uma das coisas mais chocantes é que elas estavam em risco social, e de

algumas, as quais iria tentar exortar por um futuro maior, fazer uso de sua liberdade por um futuro melhor, eu ouvia – era uma criança de seis anos de idade - a seguinte resposta: “Todo mundo morre um dia, tio”. Ou seja, assume um determinismo bestial que lhe foi implantado pelo seu meio, como se não tivesse nenhuma possibilidade, quando a gente, qualquer ser humano, sempre tem uma escolha.

Então, quero corroborar a homenagem desta Casa, em nome de meus eleitores, à Dra. Cinara e a Dna. Maria Irene pelo lindo trabalho pelas crianças de Porto Alegre. Eu sei que é *bis in idem*, Presidente, eu lhe aparteei no seu discurso, mas eu não poderia deixar essa lacuna, aqui na tribuna, para reiterar a gratidão que Porto Alegre tem pelo lindo trabalho executado pelas senhoras, de proteção das crianças, que não são o nosso futuro, elas já são o nosso presente. E digo mais: uma das maiores lições da nossa tradição ocidental, nós que somos cristãos, é a solidariedade, e nós sabemos que Deus nunca esquece daqueles que estão carentes e desprotegidos, mas a memória de Deus se revela em nós. Nós, quando somos solidários, quando estendemos a mão, quando vamos defender, lutar e proteger os mais fracos, nós somos a memória de Deus, e quando aquela pessoa nos enxerga assim, aí ele vai dizer: “Deus não esquece de mim”, porque homens de carne e osso assumiram a missão de construir a solidariedade. Muito obrigado. Parabéns mais uma vez. (Palmas.)

(Não revisado pelo orador.)